



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

GRASIELE PEREIRA DA SILVA

**MEMÓRIAS EM “15 DIAS DE REGRESSO”
DE OLINDA BEJA**

**GUARABIRA – PB
2018**

GRASIELE PEREIRA DA SILVA

**MEMÓRIAS EM “15 DIAS DE REGRESSO”
DE OLINDA BEJA**

Artigo apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras-português pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosilda Alves Bezerra

**GUARABIRA – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Grasielle Pereira da.
Memórias de "15 dias de regresso" de Olinda Beja
[manuscrito] / Grasielle Pereira da Silva. - 2018.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra ;
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Mestiçagem. 2. Identidade. 3. Memória. 4. São Tomé e
Príncipe . I. Título
21. ed. CDD 801.95

GRASIELE PEREIRA DA SILVA

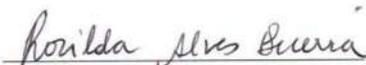
**MEMÓRIAS EM “15 DIAS DE REGRESSO”
DE OLINDA BEJA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduado em Letras Português.

Área de concentração: Literaturas de Língua Portuguesa

Aprovada em: 29/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.ª Rosilda Alves Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. João Batista Teixeira (1ª Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dr.ª Maria Suely da Costa (2ª Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Agradeço e dedico em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

E aos meus pais Josafá Pereira Da Silva (*In memorian*) “que não está mais entre nós, mas continua sendo presente em nossos corações, sua lembrança me inspira e me faz persistir”; e Maria Pereira Da Silva que sempre me incentivou a seguir adiante e nunca desistir dos meus objetivos, “obrigada por todo carinho e compreensão, e por ser essa mulher guerreira sempre, é a maior fonte de inspiração para mim”. Vocês foram extremamente importantes ao longo desses anos, sempre me apoiando em tudo, e me ensinaram valores importantes para toda a vida.

Aos meus irmãos Josieli, Alexandre, André e Rosinete sempre presentes e me ajudando a seguir adiante. E a minha filha Francielly Vitória que também esteve presente ao longo dessa caminhada, essa conquista é nossa. Obrigada pela compreensão nos momentos de ausência. Aos meus amigos da turma de letras, e aos professores ao longo desses anos agradeço imensamente à cada um.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, sem ele não teria forças para enfrentar os obstáculos que surgiram ao longo dessa caminhada, graças a ele cheguei até aqui, e por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais e irmãos, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora Rosilda Alves Bezerra, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”

Cora Coralina

SUMÁRIO

RESUMO	9
INTRODUÇÃO	10
OLINDA BEJA: EDUCADORA E ESCRITORA DAS AFRICANIDADES	13
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: A LITERATURA INSULAR	16
15 DIAS DE REGRESSO: OLÍVIA-XININHA ENTRE DUAS IDENTIDADES	17
IDENTIDADE E MEMÓRIA EM <i>15 DIAS DE REGRESSO</i>	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

RESUMO

O presente artigo intitulado Memórias em “*15 dias de regresso*” de Olinda Beja tem como objetivo geral nos mostrar as memórias da personagem Olívia-Xininha, em dois aspectos considerados relevantes nessa obra: a identidade e a memória. Tem como ponto de partida perceber o que aconteceu na vida da personagem principal e dos demais a sua volta a partir do conflito gerado em torno de sua identidade e da memória afetada por suas lembranças. Com essa proposta iremos tratar da história Olívia-Xininha, crioula que vem em busca de suas origens em São Tomé e Príncipe, e mostra o reflexo da realidade de ser estrangeira na Europa e no seu país de origem. Olinda Beja expõe neste livro os dramas da mestiçagem, temática que se repete juntamente com a identidade e a memória. Na narrativa mantém presente uma narradora-personagem que assume as dificuldades e os dramas ligados ao seu passado, à distância da mãe e sua cultura. Para realizar a pesquisa em questão, escolhemos o método de coleta de dados baseado na pesquisa-ação, procurando dados sobre os assuntos e sobre a temática. Assim levar a todos um romance tão atual de uma autora que nunca negou suas origens, e que sempre abordou isso nos seus livros, fazendo assim uma autobiografia de si, como se fosse sua história em cada personagem e história escrita. Faremos isso através da análise dos traços da realidade social encontrados no romance articulada à análise com as demais pesquisas feitas sobre a identidade e memórias aqui propostas. Sendo assim, o objetivo desta investigação é realizar uma observação mais detalhada do romance analisado, vendo suas memórias, e como foi sua visita a sua terra natal. Para o aporte teórico utilizaremos autores que estudam as temáticas de identidade (HALL, 2006-2011; CANDAU, 2011), e memória (POLLAK, 1989; HALBWACHS, 2006), além de análise bibliográfica de artigos para sustentação do texto analítico.

Palavras-chave: Mestiçagem, Identidade, Memória, São Tomé e Príncipe.

INTRODUÇÃO

O romance *15 dias de regresso*, da escritora santomense Olinda Beja, foi publicado em 1994, mas em 2007, a editora *Pé de Página* publicou a edição revista e aumentada do livro, que retrata uma experiência do retorno às raízes de Olívia-Xininha, protagonista da obra, que vive dividida entre dois universos distintos e que representam as matrizes de sua identidade crioula: a do branco, pelo lado paterno; e a do negro, pelo materno. O livro é como se fosse um diário de viagem, onde a autora partilha com os leitores, histórias e sentimentos com a generosidade e cheio de características.

Nessa linha de pesquisa, temos como estudo, compreender a história da mulher mestiça, de origem humilde, e que vem reafirmar suas origens. Pode-se, no entanto, especificar nossos objetivos como: a) evidenciar a mulher negra e suas raízes; b) mostrar como era o discurso, e a vida em sociedade; c) mostra como era o universo feminino, o seu comportamento, de como era sua vida, o reencontro, e as descobertas do passado.

Aqui o drama do mestiço (Mestiços são pessoas descendentes de duas ou mais etnias/ raças humanas diferentes, e que possuem as características das mesmas. Um exemplo de mestiço, pode ser antepassado negros e brancos, ou negros e índios), daquele que habita dois mundos, problematiza essas relações a partir do retorno ao lugar de origem, essas relações são as vivências do país que foi criada com o país de origem, assim trazendo de volta às suas raízes; a personagem transforma essa viagem em redescoberta das origens no “mãe África” e que ela procura fazer através do exercício da memória. Assim o enredo estabelece uma relação de trânsito cultural evidenciada pelo conjunto de valores da personagem do Presente e passado, aqui e lá, assim se atualizam através da memória e se entrelaçam na busca pelo reconhecimento e construção de uma identidade crioula.

Conduzimos o presente trabalho, buscando inserir nesse contexto como era a relação da personagem principal e os demais personagens, em que as histórias se uniam, onde tudo começou. E buscar transmitir melhor como foi essa experiência, como ela interagia com o meio, como era tratada e vista em ambos espaços. A abordagem dessa temática nos chama atenção, pois contribui para o enriquecimento da narrativa em seu momento histórico. Nessa perspectiva, vemos como era esse universo dela, suas escolhas, seus modos, seu jeito, como foi construindo, o que aconteceu, para a personagem principal ser assim. Por isso a pesquisa

está voltada para representação feminina, revalorizando como era, como vivia, o que fazia, assim observamos como era o mundo dela, ou como podia ter sido.

O romance *15 dias de regresso* mostra a história de uma família e seu reencontro, provando que mesmo com o tempo e a distância, o amor sempre prevalece, e as raízes também. Olinda Beja expõe neste livro os dramas da mestiçagem, temática inaugurada na literatura são-tomense por Francisco José Tenreiro, que tem uma diversidade voltada pra cultura (Tenreiro foi considerado pelo crítico literário português Manuel Ferreira como o primeiro poeta de língua portuguesa verdadeiramente Africano, e é unanimemente apontado como o primeiro poeta da Negritude de língua portuguesa. Também ele viveu para exaltar a cultura da sua terra natal, se bem que não renegando certos valores adquiridos com a colonização. Por isso, mais do que o poeta da negritude, assume uma postura de defesa de todas as minorias étnicas, como é visível no poema Negro de Todo o Mundo. A sua poesia exalta o homem africano na sua globalidade, ou seja, a diáspora africana que se propagou por todos os cantos do mundo). O que Tenreiro e Beja tem em comum, eles exaltam a cultura, o resgate da memória, que concretizam e reconstrói suas raízes através dos fatos acontecidos. É o que Pollak chama de histórias de vida que são consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais:

Por definição reconstrução a posteriori, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre os acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros (POLLAK, 1989, p. 13).

É dessa forma que vemos como foi moldado essa história, com descobertas do passado, com momentos de carinhos, de reencontro com as origens, de volta para casa; construindo assim a identidade da personagem que havia ficado anos e anos longe de casa, longe de suas raízes e origem. Tem como objetivo demonstrar, através da cultura daquela família humilde, a história de uma mestiça. Sabemos que a cultura nada mais é do que o reflexo em que vivemos (Cultura-significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é

membro), e ela pouco sabia das suas origens, era como se fosse um novo mundo, uma nova descoberta, uma vida nova.

Nesse mesmo pensamento, vemos que as mulheres da família eram unidas, tinham um laço entre elas. Percebemos que o processo de diáspora da protagonista tem suas origens na relação com o lado paterno, o do colonizador, representado pela saída forçada de seus lugares de origem, na “falsa” busca por melhores condições de vida e educação na metrópole, sem a certeza de um dia poder voltar.

A resistência em conhecer seu passado, em visitar a família materna em África, reside num longo processo de aculturação que sofreu durante sua formação estudantil na velha Europa. Foi lá onde Olívia, que desconhecia por completo a África:

Aprendera a temer os “pretos selvagens” que tinham comportamento e semelhanças físicas iguais das feras. Ela via a parte da sua família paterna, branca, europeia, como infalíveis e incorruptíveis, e, por esses motivos, procurava se aproximar culturalmente deles, “imitando-os”. (BEJA, 2007, 18).

Dessa maneira, na tentativa de se parecer cada vez mais com o colonizador, o sujeito nega a si mesmo, seu passado, suas tradições culturais, e assimila, entusiasticamente, a língua, a cultura e os costumes ocidentais, toda a ideologia do colonialismo.

Nessa ressignificação da memória, aos poucos, a viagem física da protagonista acaba transformando-se também em viagem às raízes da memória, travessia da sua identidade crioula. Enquanto o mundo europeu vai tornando-se um *ponto* cada vez mais pequeno e distante, Olívia-Xininha começa a reconhecer sua terra natal, sons, ritmos, lirismo, sabores e encantos e a render-se à África, paraíso tão belo e ao mesmo tempo estranho. Representando sua identidade crioula a partir da confluência das duas matrizes culturais: Olívia, pelo lado paterno, a identidade do português; Xininha, pelo materno, do santomense. É interessante observarmos no nome duplo da personagem a representação crioula de sua identidade que vai se transformando e sendo reconstruída ao longo da narrativa: Olívia, pelo lado paterno, a Europa; Xininha, materno, a África. A relação entre brancos e negros vivendo juntos.

Como vimos, a protagonista se negava a ver sua própria realidade, fugia dela; mestiça, cheia de preconceitos, fruto da longa estada em Portugal e de um processo de assimilação dos valores, bem como de uma luta interna entre suas partes branca e africana, Xininha mantinha-se apegada ao seu lado paterno, português e europeu, e às verdades que lhe impuseram e fizeram acreditar. Nesse caso, e como foi o que a personagem viveu, e foi lhe passado assim, nos países africanos e em Portugal o “mulato” não pertence nem ao universo

do negro, nem muito menos ao do branco, uma vez que, para este, está contaminado com o sangue degenerativo de uma “raça inferior”. No entanto, para ser integrado no espaço social do branco, ele precisa abdicar de suas raízes e deixar-se colonizar integralmente pela cultura do outro, considerada superior, e foi isso que ela fez.

OLINDA BEJA: EDUCADORA E ESCRITORA DAS AFRICANIDADES

Maria Olinda Beja Martins Assunção é uma escritora que nasceu em São Tomé e Príncipe, na cidade de Guadalupe a 12 de fevereiro de 1946. Filha de José de Beja Martins (português) e de Maria da Trindade Filipe (santomense). Olinda Beja Estudou em Portugal, mas, um dia, resolveu voltar às raízes maternas e, a partir de então, tem assumido o papel de embaixadora da cultura santomense.

Enviada pelo pai para Portugal (Mangualde – Beira Alta) com quase 3 anos de idade, onde estudou e obteve o Diploma Superior dos Altos Estudos Franceses da *Alliance Française* e, mais tarde, a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), pela Universidade do Porto. Fez ainda o Curso de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (LALP) pela Universidade Aberta além de ter feito, na Suíça (onde viveu e leccionou) vários outros cursos inerentes à sua atividade profissional e literária (professora do Ensino Secundário e escritora/contadora de histórias).

Desde muito jovem, começou a amar os livros, visto que a família paterna era composta por vários professores desde o básico ao universitário. Sua avó e seu bisavô eram professores e tinham a paixão pelos livros, tendo deixado uma biblioteca considerável que Olinda Beja sempre lia, sobretudo, nos momentos mais deprimentes do seu percurso em terras lusas. Daí nasceu o gosto de passar para o papel o que lhe ia na alma, para autora: “A escrita é a âncora da minha vida. Sem ela já há muito me teria afundado” – diz por vezes. E assim Olinda Beja foi crescendo no meio de histórias e poemas.

Quando em 1985, ao regressar a São Tomé e Príncipe, se depara com a paisagem paradisíaca, um povo tão alegre e acolhedor e a família materna à sua espera, Olinda Beja decidiu, através dos livros que vai escrevendo, divulgar o seu país e o seu povo – do lado materno. Foi ali que nasceram e viveram os avós dos seus avós. É ali a sua mãe. Ali estão as suas raízes, a sua placenta.

Quem ler as obras de Olinda Beja, verá que o dos temas constantes é o mar, embora as pessoas e a natureza sejam também abordadas na maior parte dos seus poemas. O tema pátria é recorrente nas suas escritas, que para ela significa algo que perdeu ao ser

enviada para outro país, onde tudo era diferente do seu país de origem. Aliás, a autora prefere chamar mátria, uma vez que a sua ligação umbilical com S. Tomé e Príncipe fica a dever a sua própria mãe.

Para a autora, o valor das poetisas em África continuará a ser, a voz da denúncia de crimes, como a escravidão, o estupro, a mutilação genital, a fome, a guerra, a submissão, enfim, Olinda Beja afirma que a poetisa em África continuará a ser a “guerreira” da palavra contra as injustiças que se praticam neste continente tão martirizado. (Entrevista para a revista *jornal da poesia*, 2017)

Pelo fato de ter estudado em Portugal, Olinda Beja, desde criança teve primeiramente, influência dos clássicos da literatura portuguesa e só mais tarde conheceu poetas como José Craveirinha e que a marcou profundamente pela beleza “africana” da sua poesia. Com ele descobriu as suas raízes mestiças e o seu valor pela duplicidade de uma riqueza inigualável.

A autora também utiliza nos seus poemas palavras indígenas e explicava que é uma forma de divulgar a língua materna de São Tomé e Príncipe, e também um enriquecimento lexical para o texto. Nesse sentido, o mar sempre está presente em sua obra insular, que para a autora é fonte de vida, é o início de tudo, a vida começou no mar, ela nasceu numa ilha, quase à beira mar, pois sua mãe tinha lá perto uma casinha, então, o mar, do qual foi apartada em criança, ficou colado na autora para o resto da vida. Quando não tem aquilo que mais ama é quando mais a deseja. É assim o mar na sua vida e, logo, nos seus poemas.

Além de escrever, Olinda Beja também aprecia o canto. Para ela, a música e a poesia se complementam e entrelaçam, fazem parte da mesma alegria, do mesmo amor, da mesma ternura. Nunca conseguirá dizer poesia sem ouvir (mesmo que longe) o som de uma nota musical, só assim, se realiza, com o canto e com o poema.

Atualmente, a escritora Olinda Beja divide o seu tempo entre os dois países e continua a preservar a casa materna, em Batepá, onde se inspira sempre que está sentada na varanda de onde um dia partiu. Tem poemas e contos traduzidos para espanhol, francês, inglês, mandarim, árabe e esperanto. Tem trabalhos publicados na Alemanha (Universidade de Frankfurt e Universidade de Berlim), sobre a língua materna de S. Tomé, bem como poemas dispersos em revistas nacionais e estrangeiras, em livros didáticos dos Ministérios Português e Francês da Educação e em diversas Antologias. As suas obras têm servido a teses de doutoramento a professores como Luciano Caetano da Rosa (Alemanha); Sandra Campos (Inglaterra); Annie Mendzy Anda (Libreville-Gabão); Amarino Queiroz (Brasil), Zuleide

Duarte (Brasil) entre muitos outros. É membro da UNEAS (União Nacional de Escritores e Artistas de S. Tomé e Príncipe).

Olinda Beja é uma referência na literatura de São Tomé e Príncipe, na qual expressam nomes como Conceição Lima, Francisco José Tenreiro e Alda Espírito Santo. Olinda Beja, que partiu criança da sua ilha até os longes de outras paragens, não rompeu as raízes que continuam a prendê-la ao chão original cantando ‘palavras de gengibre repartido por bocas onde escorre abacaxi selvagem. Os poemas de Olinda Beja são uma encruzilhada de culturas, são os segredos que sibilam nas muralhas, segredos dos avós escravos-livres de rotas e caminhos, são o grito da diáspora numa Imensidão que lhe lateja nas veias com a força do danço-congo e a fogacidade do kilelé”.

Além de escritora e contadora de histórias, Olinda Beja leva a sua poesia através do mundo fazendo recitais acompanhada de um músico do seu país. Em 2005, em Cataguases (Minas Gerais – Brasil) foi condecorada pelo então Presidente do Brasil e na presença do ex-Presidente de Portugal Mário Soares, com a Ordem da Comenda dos Países Irmãos (S. Tomé e Príncipe/Brasil).

Poeta, romancista, publicou mais de uma dezena de livros, entre eles coletâneas de poemas, *Bô Tendê, Leve, Leve, No País do Tchiloli, Quebra-Mar e Água Crioula*; alguns romances, *A Pedra de Villa Nova, 15 Dias de Regresso, A Ilha de Izunari e Um Grão de café*, bem como alguns contos.

Olinda Beja também foi ganhadora de prêmios como: “Pé-de-Perfume” - Prêmio Bolsa de Criação Literária 2004. “Histórias de Gravana” - Prêmio Bolsa de Criação Literária 2008. Obra finalista do Prêmio Literário Portugal / Telecom / 2012. “Um grão de café” – Plano Nacional de Leitura Ler+. Primeiro livro para crianças no panorama literário de São Tomé e Príncipe. Tem sido lido e dramatizado em várias escolas do universo lusófono. “Sombra do Oká”-1º Prêmio Literário Francisco José Tenreiro. Plano Nacional de Leitura por um período de 10 anos. “Tomé Bombom” - O livro juvenil tem sido adotado em várias escolas do país e em escolas da cidade de Natal (Brasil). Ganhou o prêmio literário Francisco José Tenreiro, em 2013.

E sobre o livro em análise Olinda Beja o dedica: “Escrevi esta história para meu filho, meus netos e todos os meus vindouros, para que eles saibam sempre que as suas raízes mergulham em África e lá se perdem pela imensidão dos tempos. Escrevi-a também para todos os que foram e são discriminados racial ou socialmente, no seu país ou fora dele, e esperam sorrindo, que uma nova primavera lhes traga frutos maduros num outono de paz”. (BEJA, 2007 dedicatória)

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: A LITERATURA INSULAR

As ilhas de São Tomé e Príncipe eram desabitadas até 1470-1471, quando foram descobertas pelos navegadores portugueses João de Santarém e Pedro Escobar. A Ilha de São Tomé foi descoberta em 21 de dezembro de 1470. A Ilha do Príncipe, em 17 de janeiro de 1471. A colonização começou no final do século 15, liderada por Álvaro Caminha, que introduziu engenhos de açúcar. A localização estratégica das ilhas as transformaram em importantes portos para os portugueses, nos séculos seguintes.

Em 1533, foi criada a Diocese de São Tomé e Príncipe, como sufragânea da Arquidiocese do Funchal. A Diocese foi instalada no ano seguinte. O primeiro bispo foi Diego de Ortiz de Vilhegas. Em 1567, São Tomé foi saqueada por corsários franceses. No final do século 16, houve levantes dos escravos, provocando instabilidade na Ilha de São Tomé, ocasião em que muitos colonos foram para o Brasil. Em 1599, os holandeses atacaram São Tomé e Ano Bom. Em 1641, os holandeses ocuparam São Tomé, mas portugueses recuperaram a Ilha em 1644. Em 1709, corsários franceses ocuparam a Cidade de São Tomé por quase um mês. Em 1753, a capital foi transferida para Santo António, na Ilha do Príncipe.

A capital retornou para São Tomé em 1852. Em 1756, o engenheiro baiano José Antônio Caldas foi transferido de Salvador para a Ilha do Príncipe. Caldas fez projetos para edifícios, como o da nova Sé, e plantas da região. A sede da Diocese, entretanto, continuou em São Tomé. Em 1778, Portugal cedeu, para os espanhóis, as ilhas de Fernando Pó (Bioko) e Ano Bom, atualmente parte da Guiné Equatorial. A escravatura foi abolida, em 1876, mas o trabalho escravo continuou por meio de contratos abusivos que perdurou por várias décadas. No início do século 20, São Tomé e Príncipe foi, por alguns anos, o maior produtor mundial de cacau, mas a produção caiu bastante após a Segunda Guerra Mundial.

Em 1919, o astrofísico britânico Arthur Stanley Eddington, numa tentativa de comprovar a Teoria da Relatividade Geral de Einstein, partiu para a Ilha do Príncipe para fotografar um eclipse solar, em 29 de maio. Em 1953, tentativas do governo português de obrigar os são-tomenses a trabalharem em condições precárias nas plantações e obras públicas, resultaram no Massacre de Batepá, em 3 de fevereiro, em São Tomé, com centenas de mortos.

Em 1960, surgiu no País um movimento de independência organizado, no exílio, pelo Comitê pela Libertação de São Tomé e Príncipe. Em 1972, o nome foi mudado para Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP). Após a Revolução dos Cravos, em 1974, o novo governo português negociou a independências das colônias africanas. Em 12

de julho de 1975, o País conquistou sua independência. O MLSTP assumiu o governo como partido único.

Em 1990, uma nova constituição estabeleceu um regime republicano multipartidário, com eleições diretas para presidente. Em 1991, as primeiras eleições multipartidárias foram realizadas. Nesse mesmo, grandes reservas de petróleo foram descobertas no Golfo da Guiné, próximas a S. Tomé e Príncipe. Desde então, os Estados Unidos demonstraram interesses econômicos no País. Tentaram instalar uma base militar nas ilhas, mas os líderes são-tomenses não concordaram.

É em parte do livro *15 dias de regresso*, de Olinda Beja, que surge esse cenário de *15 dias de regresso*. A vida de Olívia-Xininha dividida entre dois mundos: O Europeu, em Portugal; e o Africano, a partir de São Tomé e Príncipe.

15 DIAS DE REGRESSO: OLÍVIA-XININHA ENTRE DUAS IDENTIDADES

15 dias de regresso é uma espécie de ficção autobiográfica, que retrata a experiência de retorno às raízes de Olívia-Xininha, protagonista que vive esta experiência de alguém dividida entre dois universos, o branco e o negro, assim destacamos aqui o efeito da dupla inscrição no nome da personagem, como se fosse duas pessoas em uma só. Xininha e Olívia são os nomes de uma só narradora. Xininha é o nome de infância que a nomeou durante o seu crescimento nas terras portuguesas de Mangualde. Olívia é a mulher adulta que aos 39 anos visita o seu país natal, São Tomé e Príncipe.

Apesar de estar ausente de sua terra natal na distância espaço-temporal, a obra da escritora santomense Olinda Beja está ligada a sua profunda busca da origem, evocada na infância e que, na vida adulta, assim afirmando através de uma identidade crioula, marcada por estarem relacionadas à interseção entre a oralidade e a escrita, à identidade cultural híbrida do povo santomense, à própria experiência pessoal da emigração, assim como às preocupações de ordem social, política e ambiental, que se colocaram para o país no passado e que se colocam com similar força na contemporaneidade.

Assim distinguem-se das tradicionais por, dentre outras características, não necessariamente reclamarem um retorno ao país de origem. Sendo assim, sua problemática envolve vários pontos de vista e evoca um complexo interdisciplinar de áreas e teorias a fim de analisar seus vários processos de formação com efeitos positivos e negativos. Mesmo assim, apesar da atualidade e diversidade do tema, existe ainda uma análise e avaliação em

geral, mas no seu impacto no desenvolvimento dos seus países de origem, do que no que se vivia antes.

O livro relaciona as memórias dos dois lugares, como se fosse necessária uma explicação detalhada que possa conciliar os dois mundos. Por vezes, essas explicações excedem o tempo e o espaço reservado à literatura. Para Candau, memória e identidade são indissociáveis:

Se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até o momento de sua dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAU, 2011, p. 19).

Trata das relações práticas entre os conceitos memória e identidade a partir da perspectiva da vivência, resgate da memória. Utiliza-se dos autores Hall (2006), e Candau (2011) para abordar a temática da memória e identidade discutindo os principais conceitos propostos pelos autores, para se entender o processo de construção da identidade. Os conceitos são levados para de forma ampla e clara a fim de perceber a importância da discussão dessas temáticas, colocando os profissionais da informação como sujeitos sociais capazes de discutir e entender esse processo, sobretudo por perceber a representação da identidade inserida na sociedade.

A personagem *Olívia-Xininha*, foi educada numa vila burguesa em Portugal. Ela é forçada, no seu regresso a São Tomé, à desconstrução de todos os preconceitos e receios em relação à África, frutos de uma educação portuguesa. A honestidade da autora no relato do seu regresso é implacável, pois nos evidenciamos muitos detalhes e características da personagem.

IDENTIDADE E MEMÓRIA EM 15 DIAS DE REGRESSO

Neste livro, que é quase um diário de viagem, a autora partilha com o leitor histórias e sentimentos com a generosidade e despoimento que lhe são característicos através de uma prosa que não trai o seu conhecido estilo de contadora de histórias. Esta é a história de *Xininha*, menina crioula, trazida de além-mar para terras frias da Beira Alta, quando ainda nada conhecia da vida. E é também o drama de *Olívia*-mulher, cheia de sonhos e medos, angústias e alegrias, poemas de lua cheia e vendavais.

Criança-menina envolta em teias de bruma de um colégio de província, subjugada a um mundo diferente que por vezes lhe aumentou a dor e a revolta. Mulher-criança que lutou

para além do espaço que lhe fora destinado, sempre dividida entre dois mundos, o negro e o branco, o europeu e o africano, o mar e a montanha. É o regresso das duas ao passado e ao futuro, num entrecruzar de pessoas e costumes, num aprofundar de raízes. É ainda a vida de Sam Lázara, mãe coragem, mãe ansiedade, mãe resignada, trinta e sete anos à espera da filha, num reencontro que só a força do amor tornou possível.

Construir sua identidade e memórias tem muito a ver com a convivência, foi que Olívia-xininha percebeu nesse período, conforme mais se passava os dias, mais ela se encontrava, e se conhecia. Para Stuart Hall, as identidades podem ser construídas, pois ele afirma que a identidade não é fixa:

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado positivo de qualquer termo – e, assim, sua identidade – pode ser construída (HALL, 2011, p. 110).

As identidades são formas construídas através das memórias, pois são a partir delas que conhecemos nossas origens, se encontramos. A memória é depósito de dados, naturalmente estática, pois configura um princípio de conservação, uma simples reprodução dos sucessos anteriores existentes na vida animal superior; continuidade dos hábitos, costumes e ideias vividos.

O romance *15 dias de regresso*, cuja trajetória cronologia em que Olívia-xininha passa duas semanas de descida ao passado - é marcada por uma recusa dela, uma negação às suas origens. Também esse romance de Olinda Beja é uma experiência poética, em que há exaltação e denúncia, aliam-se para que a mensagem alcance seu rito de passagem, que as imagens esvoaçam e a terra solete suas dores e alegrias em cada palavra. E esta é uma de suas notáveis riquezas, valiosa contribuição de liberar um pouco a tradição literária de seu país dos acordes sociais repetitivos, ao enlaçar mito e realidade, em frenesi doce e selvagem, dedicado à sua terra.

A memória é algo extraordinário, é como se tudo estivesse ali guardado, só a espera para ser ativado, foi o que aconteceu com Olívia, a partir do momento que chegou a sua terra natal, voltou as suas memórias, ao regresso de suas raízes, agora se conhecendo e vendo a xininha dentro dela, lugar que nunca saiu, só estava adormecido dentro dela. Vale salientar também as considerações de Candau sobre a memória. Para o autor:

A memória é acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um estar aqui que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele (CANDAUI, 2011, p. 9).

Tudo parte da memória, e dela a função mental que permite reter a informação, ou seja, aprender a guarda tudo que lhe foi passado. A memória é o que permite a aprendizagem, pois é através da memória que os conhecimentos se consolidam. E só o que aprendemos com a memória, nos possibilita aprender coisas novas (aumentando assim o nosso conhecimento ou reativando o que já foi vivenciando, ou alcançado).

A autora demora-se em esclarecimentos sociológicos e historiográficos que não deixam de surgir nenhuma dúvida dos fatos, e de certos elementos ligados às culturas e locais em observação. Por esse motivo que Hall observa que a identidade sofre um processo de hibridização:

A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Na comunidade branca era constituída de homens que viviam com mulheres africanas e seus filhos mestiços, foi o caso da nossa personagem analisada, seu pai branco e sua mãe negra, e dessa relação nasceu Olívia mulher mestiça. Consequentemente, essas relações levaram os habitantes das ilhas à mistura dos elementos culturais africanos e europeus, resultando numa sociedade crioula, com sua língua e sua cultura. A personagem do romance *15 dias de regresso* é fruto de uma relação entre um português e uma africana, uma santomense, neste caso, e é levada muito cedo para a região da Beira Alta, Portugal, longe da terra natal, da mãe e de toda a família. Muito comum entre filhos e filhas de portugueses, ou como uma estratégia de assimilação das elites intelectuais africanas, a ida para a Europa sempre vinha como uma oportunidade de estudar, mudar de vida, uma nova vida, vida longe de suas origens.

Assim, a memória individual é influenciada pela coletiva, pois é inevitável que:

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2006, p. 72).

No entanto, apenas 37 anos depois é que Olívia-Xininha, volta à África, a contragosto, por insistência da irmã, para conhecer sua origem, a família materna e visitar a mãe que tanto sofria com a longa ausência da filha, nesse trecho do romance fica bem evidente isso:

Minha irmã recolhia as malas e sorria feliz. Mas eu não. Eu não tinha motivos para estar feliz. Durante trinta e sete anos vivera longe da terra natal, da mãe, dos irmãos, dos tios, dos primos. Para quê desenterrar agora o passado? Trinta e sete anos é muito tempo, trinta e sete anos é quase uma vida, é o tempo de nascer, de amar, de percorrer estradas e caminhos e por vezes até de chegar ao fim da estrada. Que proveito poderia eu tirar daquela viagem? Arrependi-me. Se o arrependimento matasse eu morreria ali mesmo. Tive uma vontade imensa de chorar e de não sair do avião até ao próximo voo para Lisboa. Mas tal como os outros passageiros, fui obrigada a respirar o ar noturno das terras da África. (BEJA, 2007, p.13).

É nesse mesmo momento que a protagonista do romance *15 dias de regresso* se reconhece nesta encruzilhada cultural, um lado sua vida de antes, do outro, sua nova vida, sua descoberta de vida, sua origem:

Eu sabia que não era uma europeia. Tinha plena consciência disso. Mas sabia também que já não era uma africana. Voltar às origens, ao húmus de mãe-África, uma vez perdidos os contatos, tinha o sabor de uma visão algo remota, algo irreconhecível [...] Para mim África estava para lá do infinito, era “a terra da perdição, a terra onde iam os homens brancos e lá ficavam, enfeitiçados sem se saber como nem por quem, era um sumidouro donde ninguém mais saía. (BEJA, 2007, p.23-24).

Nesse tempo era essa a imagem que o Portugal colonial passava do continente africano mostrando sempre o português como o anjo salvador de um mundo onde homens negros e feras tinham comportamentos iguais e aspectos físicos semelhantes. Apesar de já conhecer alguma família, Olívia estava perturbada. Não esperava tamanha recepção. E pensou: Será sempre assim quando se regressa a casa ao fim de trinta e sete anos de ausência? Acontece às vezes que, sem nós querermos, pegam em nós, enviam-nos para outras terras, onde em comum temos só um nome ou um apelido. Dizem-nos então que, por uma questão de hierarquia social ou de vergonha, já não somos daquele lugar que deixamos, que é preciso

passar uma esponja no passado, que não interessa contarmos aos outros quem somos ou donde viemos ou onde nascemos.

Tudo o que vimos ficou para trás e deve ser apagado da retina e da memória, mas se a memória continuar bem viva deve então abrir-se um buraco na terra, fundo, bem fundo, onde se esconda o que não convém que os outros saibam. O destino é infalível. Infalível e cruel, por vezes sarcástico, também. Quando menos se espera, reaviva a memória como quem chega um fósforo a folha seca e deixa-se ficar ao longe, a gozar o espetáculo do fogo primitivo. Assim fez Olívia. Assim fazem com todos os que se esquecem das suas raízes. (BEJA, 2007, p.86)

Durante as duas semanas em que estive de volta à sua terra natal, Olívia-Xininha se aproxima cada vez mais de suas origens, mas, ao mesmo tempo, percebe que esse movimento de redescoberta de si, não era apenas um chegar ali e ir embora, mas sim um aprofundamento de tudo que não viveu, o que ela procura fazer ao longo do tempo em que passa com a família, e é nesse sentido entende-se família não apenas no sentido nuclear, mas também extensiva. Essa transformação de Olívia em Xininha leva a protagonista de volta às raízes desconhecidas de sua infância, instaurando um sentimento de pertença àquela comunidade, àquela família, que só poderia ser buscado através da relação maternal com a sua mãe e com a sua terra. Aos poucos Xininha vai se aproximando de sua mãe, ao mesmo tempo em que se aproxima e faz despertar o ritmo africano que estava bem dentro dela, adormecido durante anos:

Olívia sentia agora no seu peito um bater diferente, um bater de coração que começa a querer desligar-se de uma parte que já viveu. Certas coisas que tinha visto e feito na velha Europa estavam a querer desmoronar-se, a perder sentido, a distanciarem-se no horizonte da sua dupla existência. É em África que repousam todas as raízes da nossa memória dilatando-se terra adentro numa sensação de eternidade. Por isso Olívia compreendia agora por que razão muitos portugueses iam e ficavam numa rendição total aos seus encantos e lá teriam permanecido para sempre se a guerra colonial não tivesse aparecido a meio dos seus percursos. (BEJA, 2007, p. 179)

No último dia de sua visita, perto de seu retorno Olívia-Xininha percebe que, por mais que quisesse negar, seus laços com a África, negados e minimizados pelo lado da família paterna, são realçados no reconhecimento de características de sua identidade. Em decorrência dessas relações, podemos dizer que a protagonista vive em momentos de entrelaçamento de valores, culturas, ideias, políticas, religiões, etc.

Nesse momento a protagonista reencontra sua verdadeira identidade, a sua raiz. Foi esta palavra tão simples, mas tão forte que, finalmente, a despertou e trouxe de volta suas memórias guardadas:

Afinal eu tinha as minhas raízes do outro lado do mar, numa ilha que, sem eu saber, estava toda à minha espera, numa casa de madeira com telhado de zinco onde lá dentro estava uma mulher cheia de esperança de me rever! Raízes. Por mais que eu quisesse não podia negá-las nem cortá-las. Bastava ver-me ao espelho, os olhos amendoados, o cabelo encarapinhado, os lábios grossos, a pele escura, afinal tudo me remetia para a minha verdadeira identidade, para a minha África que, consciente ou inconscientemente, por um capricho de um homem, eu não tinha guardada no baú de lembranças. Hoje pergunto a mim própria como há filhos que podem negar as mães e mães que podem negar os filhos... Há cordões umbilicais que nunca se cortam nem se desatam por mais distantes que vivamos deles. (BEJA, 2007, p. 225)

A partir da experiência que Olívia-Xininha passou, conseguiu entender como era sua cultura, essa cultura construída através do diálogo entre as pessoas do dia a dia, havendo assim uma interação social, construída com significado que cada membro da família tem, e os momentos compartilhados com elas, e a cada lembrança retomada. Essas novas raízes repletas de elementos e significados que agora fazem todo sentido para ela, pois é sua identidade cultural que sempre permaneceu ali intacta, esperando um momento certo pra sair, e essa era a hora.

Conhecer a sua própria cultura fez com que Olívia-Xininha compreendesse a importância de mantê-la viva na memória, conhecendo melhor suas origens, características da sua identidade, protegê-la e valorizar cada momento que viveu, o regresso ao passado. Entendendo assim que o seu presente veio e nasceu do seu passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro.

De volta às suas raízes, a personagem transforma essa viagem em redescoberta das origens no “húmus de mãe África” e que ela procura fazer através do exercício da memória. Por fim, o enredo estabelece uma relação de trânsito cultural evidenciada pelo conjunto de valores da personagem. Presente e passado, aqui e lá, assim se atualizam através da memória e se entrelaçam na busca pelo reconhecimento e construção de uma identidade crioula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, foi desenvolvida a análise das memórias através do regresso, a volta ao passado, a descobertas das suas origens e história, com o livro *15 dias de regresso*, da autora Olinda Beja. A abordagem do tema foi feita a partir de uma reflexão de como era a vida de uma mulher crioula, onde ela vivia uma vida sem saber de suas origens e cultura. Como era sua conduta, seus modos e como vivia em ambos lugares, dos mundos, o negro e o branco, o europeu e o africano.

Desse modo, a pesquisa intitulada *memórias em "15 dias de regresso" de Olinda Beja*, nos mostra como era a mulher crioula em suas duas culturas perante a sociedade, como era seu modo de agir perante a figura da família paterna e materna, antes não conhecida, e sem muitos contatos. Mas a personagem analisada está muito além disso, é da geração de mulheres negras batalhadoras e guerreiras, em exemplo a mãe da personagem analisada nunca desistiu do reencontro com a filha.

Portanto, Olinda Beja fez o uso de uma linguagem bem detalhada da personagem analisada, concretizava seu discurso com maior força e autonomia. No início tentou fugir, mas com a vivência e resgate das suas memórias, encarou aquelas novas descobertas sobre sua vida. Era uma boa filha, carinhosa e dedicada a sua família, e que agora conhecia sua história.

As mudanças na vida da personagem analisada ainda se processam, ter sua mãe por perto, saber dos seus gostos e costumes. Porém, isso não só aconteceu com ela, mas com várias, são mães, donas de casas, domésticas, que viviam nos seus mundinhos, longe dos seus filhos, sempre com o pensamento neles e se um dia vão regressar aos seus braços. É o regresso do passado ao futuro, num entrecruzar das pessoas e costumes, num aprofundar de raízes e descobertas.

Com a publicação do livro da escritora santomense, Olinda Beja, *15 dias de regresso*, pode-se observar claramente uma tendência voltada pro resgate da memória. Outras personagens femininas importantes no livro de Olinda Beja, são personagens que tem seus focos, pela ligação com a história da personagem principal; delas se destacam *sám Lázara*, mãe guerreira, mãe coragem, mãe ansiedade, mãe resignada, mãe lutadora, mãe batalhadora, que nunca desistiu de reencontrar sua filha, e que a 37 anos espera por esse reencontro, um reencontro que só a força do amor é possível.

No livro de Olinda Beja, exalta e mostra com suas personagens a força feminina, o passado e o presente lado a lado; como elas agiam, como era, e para que vieram. Através das

mãos de uma escritora, oferecendo ao leitor um painel rico e colorido de como é mundo. Cada uma das personagens contribuiu, ao longo de todo o romance. Batalhadoras e corajosas, as personagens femininas criadas por Beja expressam a força e a coragem das mulheres do mundo real, de como é a realidade dessas mães, filhas, que estão sempre em busca de suas origens, de descobertas da vida, entre o passado e o futuro.

Uma identidade afetiva e afirmativa para todas, pois tinha seus discursos feitos, e usavam suas habilidades como arma, lutando sempre e nunca desistindo dos seus sonhos e objetivos. Cada uma com seu jeito, e modo de agir, com ideias próprias, assim alcançavam seus objetivos, sem usar forças, mas sim o raciocínio, pois a espera para o reencontro com a filha durou 37 anos, mas o amor que ela tinha por essa filha só cresceu.

Portanto, as mulheres do livro *15 dias de regresso* são fortes e dão vida ao romance de uma forma que nenhum personagem masculino consegue fazer. E, indiretamente, contribuem com o aprendizado, pois sua garra e força para superar a distância e o retorno às origens mudam seu modo de pensar e agir de agora em diante, que sua vida não será mais a mesma. Esse romance mostra como é a realidade que muitas famílias passam, que muitas mães têm que se separar dos filhos, por determinado acontecimento, mas o amor nunca acaba, nunca morre, está ali guardado a espera. No livro deixou bem claro, que as memórias são os laços mais profundos de uma história, e com eles, tudo se transforma, é como se aquele mundo vivido pela personagem, entra na nossa mente e faz a gente viajar a cada leitura e vendo cada detalhe e descrição feita pela autora.

REFERÊNCIAS

- BEJA, Olinda. **15 dias de regresso**. Lisboa: Ed.- Pé de página: 3ª Ed, 2007.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- POLLAK, Michael. **Memórias, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

WEB

ENTREVISTA À POETISA OLINDA BEJA. Disponível em: <https://www.telanon.info/cultura/2017/09/20/25325/entrevista-a-poetisa-olinda-beja/http://www.jornaldepoesia.jor.br/BLBLolindabeja01.htm> Acesso em 12 de setembro de 2018.

15 DIAS DE REGRESSO. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/15-dias-de-regresso-olinda-beja/193620> Acesso em 12 de setembro de 2018.

APRESENTAÇÃO DO NOVO LIVRO DE OLINDA BEJA. Disponível em: <https://culturadeborla.blogs.sapo.pt/apresentacao-do-novo-livro-de-olinda-3319520> Acesso em 12 de setembro de 2018.

HISTÓRIA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. Disponível em: <http://www.africa-turismo.com/sao-tome-principe/historia.htm> Acesso em 12 de setembro de 2018.

FRANCISCO JOSÉ TERREIRO. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Tenreiro. Acesso em 12 de setembro de 2018.